

BREVES REFLEXÕES SOBRE A LEITURA HIPERTEXTUAL NO CONTEXTO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da biblioteca escolar no contexto da leitura hipertextual. O hipertexto relaciona-se a escrita e/ou leitura não linear e não hierarquizada que por meio de links permite o acesso a outros conteúdos, muitas vezes, externos ao texto original. A leitura hipertextual faz parte do cotidiano infantil, seja em livros infantis impressos, nos e-books, bem como, no próprio ambiente da Internet. Nesse sentido, buscou-se discutir o papel do bibliotecário que atua nestas instituições em relação à formação do pequeno leitor. Ainda que haja um distanciamento entre educador e bibliotecário, é inegável que essa parceria contribuirá, efetivamente, no incentivo a leitura, transformando leitores passivos em leitores críticos, capazes de conduzir e aproveitar a leitura, mesmo em situação de não-linearidade, inclusive com inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas no ambiente da biblioteca escolar.

Palavras-chave: Leitura Hipertextual. Biblioteca Escolar. Bibliotecário.

Claudio Marcondes Castro Filho
Professor de Ciências da Informação,
Documentação e Biblioteconomia, da
Universidade de São Paulo (USP), Brasil.
claudiomarcondes@ffclrp.usp.br

Márcia Regina Silva
Professora de Ciências da Informação,
Documentação e Biblioteconomia da
Universidade de São Paulo (USP), Brasil.
marciaregina@usp.br

SHORT REFLECTIONS ON READING HYPERTEXTUAL IN THE CONTEXT OF SCHOOL LIBRARIES

Abstract: This article aims to reflect on the role of the school library in the context of hypertext reading. The hypertext is related to writing and / or non-linear and non-hierarchical reading through links that allow access to other content, often external to the original text. The hypertext reading is part of child everyday, whether in printed books, whether in e-books, as well as in the Internet environment itself. Accordingly, we sought to discuss the role of the librarian working at these Institutions in the training of young reader. While there is a gap between educator and librarian, it is undeniable that this partnership will contribute effectively in promoting reading, transforming passive readers into critical readers, able to drive and enjoy reading even in situations of non-linearity, including numerous activities that could be developed in the school library environment.

Keywords: Reading hypertext. School Library. Librarian.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo sabendo que a Internet ainda não consegue atingir toda a população, não podemos negar sua inserção em todas as camadas sociais. Há uma imensidão de informações que circulam nesse ambiente digital, não necessariamente informações confiáveis, ainda assim, a web se tornou o *locus* para a troca de informação, para o comércio, para o trabalho, para a interação social, para o lazer, etc. A *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*¹ revelou que o brasileiro com acesso à Internet passa mais tempo na web todos os dias do que em qualquer outro meio de comunicação.

É inegável, então, o papel da Internet como fonte de informação, porém é importante atentar-se para o que Umberto Eco (2011) aponta: a Internet além de não filtrar conhecimento, congestiona a memória do usuário, e é um instrumento poderoso para quem sabe utilizá-la e um perigo para quem não sabe.

A rede é construída a partir de links que fazem conexões infundáveis. Esses links tornam a leitura hipertextualizada, ou seja, não-linear. É justamente a questão da hipertextualidade que nos chama atenção.

O indivíduo que aprende a ler e descobre os prazeres da leitura, provavelmente terá uma relação diferente com as palavras, buscando compreender seu significado, usando a imaginação para tentar visualizar pessoas, lugares e coisas que são descritas. Infelizmente, não são todos que têm essa oportunidade. Muitos encaram a leitura com obrigatoriedade e poucos absorvem o que lêem. São esses indivíduos que acabam sendo mais prejudicados em leituras hipertextuais ou mesmo durante a navegação na web.

A primeira experiência de leitura deveria ser com a família e, logo em seguida, com a escola e a biblioteca. Cabe ao educador apresentar às crianças as letras e seus significados, e cabe ao bibliotecário estimular a leitura. Escola e biblioteca devem, com efeito, elaborar em conjunto estratégias eficientes que contribuam para o aprendizado da criança.

Os primeiros momentos de leitura são marcados por imagens e cores, em seguida por descrições simples e, finalmente, por textos mais densos. Esse processo gradativo é importante porque estimula o desenvolvimento cognitivo, intelectual e imaginativo. Conforme ressalta Lacerda (2009, p. 14), a leitura é importante “[...] para o exercício da

¹ BRASIL. PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL. Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

mente e conduz o leitor às informações que melhor vão prepará-lo para a vida pessoal e social.”

Hoje, esse processo não é tão linear. Alguns bebês logo que começam a observar o mundo ao seu redor são apresentados a aparelhos tecnológicos recheados de imagens e sons. Muitos acabam, inclusive, ignorando brinquedos que não dispõem desses recursos. Quando iniciam a fase da alfabetização, mesmo que ainda não saibam ler, conseguem manipular jogos eletrônicos, aparelhos de DVDs, celular, tablets, etc. Ou seja, são apresentadas primeiramente às diversas mídias e, posteriormente, para o texto impresso. Se o educador e o bibliotecário não souberem lidar com as expectativas dessas crianças, certamente elas não se sentirão estimuladas a leitura. E, se isso acontecer, essas crianças migrarão para o ambiente digital sem antes ter desenvolvido sua capacidade de concentração, atenção e imaginação.

Nesse caso, todas as vantagens da hipertextualidade, principalmente na Internet, podem ser transformadas em desvantagens, já que o leitor tendo a sua disposição uma diversidade de links e imagens, poderá facilmente se perder em um dos nós da rede. A leitura ficará fracionada e o entendimento do todo, comprometido, assim como acontece com o usuário da Internet que sem conhecimento prévio pode tomar qualquer informação como verdadeira sem nenhuma identificação da fonte consultada.

As crianças já são habituadas a criarem significados todos os dias a partir das imagens que os cercam, por isso a leitura de livros infantis hipertextuais é atrativa. É importante aproveitar essa atratividade e propor estratégias de leitura que desenvolva a concentração da criança, de forma que haja aprendizado e aproveitamento dos inúmeros recursos disponíveis no hipertexto, impresso ou digital.

O bibliotecário que atua em biblioteca escolar deve conhecer o comportamento e interesse de leitura das crianças, com o intuito de planejar e direcionar as atividades e ações desenvolvidas nesses ambientes, além disso, cabe a este profissional compreender a dimensão de sua responsabilidade no processo de formação de leitores. Este artigo tem justamente o objetivo de refletir sobre o papel da biblioteca escolar no contexto da leitura hipertextual. Nossa intenção não é fazer proposições teóricas, mas levantar questões importantes que merecem ser incluídas na agenda dos bibliotecários.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA HIPERTEXTUAL

A incorporação de dispositivos móveis de leitura (tablets, e-readers, celulares, etc) no cotidiano está modificando o comportamento do leitor. Esses equipamentos tecnológicos podem atrair e estimular o público jovem para a prática da leitura, porém, sua adoção não garante o aumento do número de leitores e nem mesmo implica em melhorar a qualidade da leitura, podendo inclusive prejudicar a concentração, devido aos inúmeros aplicativos contidos nesses aparelhos.

Por outro lado, a possibilidade de compactação de coleções em dispositivos móveis de leitura ou mesmo em ambientes digitais, resolve o grande problema da falta de espaço físico para o acondicionamento de obras. Já a portabilidade dos dispositivos móveis permite que o transporte e, posteriormente, a leitura das obras seja realizada de qualquer ambiente.

Neste contexto de vantagens e desvantagens da incorporação de tecnologias móveis e da Internet, o que nos chama atenção é o desenvolvimento da leitura em crianças. Na atualidade, a hipertextualidade aliada aos inúmeros recursos tecnológicos contribuiu para a instauração de novas formas de leitura e atenção. Ao pequeno leitor passou a ser oferecido um universo paralelo a leitura.

O termo hipertexto, de acordo Fachinetti (2005, p.1), “[...] designa um processo de escrita/leitura não-linear e não hierarquizada que permite o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea.” A autora ainda ressalta que o

hipertexto pode ser definido também como um documento digital composto por diversos blocos de textos interconectados através de links, que possibilitam o avanço da leitura de forma aleatória. Na Web, cada endereço pode ser compreendido como um nó da rede, e os links podem remeter tanto para outras páginas do mesmo site como também para outro site (FACHINETTO, 2005, p. 3).

De acordo com Souza (2010, p.26), “[...] a interligação entre os documentos propicia ao texto na web uma organização própria, fragmentada, e que permite a complementação e a contraposição de informações agrupadas em blocos de texto.”

A interatividade do leitor com o hipertexto possibilita a exploração de novas interpretações sobre o conteúdo. Conforme destaca Deziekaniak (2010, p. 85),

é muito importante ressaltar que esse novo modus operandi da leitura permite ao leitor extrapolar a idéia inicial do autor, uma vez que, dependendo dos links

visitados, o leitor constrói cognitivamente novos textos baseados em novas leituras, permitidos pela infinidade de ligações disponíveis no texto ou na rede, sobre temas relacionados, haja vista que a leitura não segue a forma linear do livro tradicional.

Porém, conforme Soares (2002), a possibilidade de pular de uma página para outra a cada hiperlink, tem a capacidade de fracionar a leitura, podendo distrair a atenção do leitor entre imagens, sons e outras novas descobertas. O autor ainda acrescenta que o constante uso de e-books hipertextuais talvez possa prejudicar e/ou reduzir a capacidade de imaginação do leitor, pois este fornece as ferramentas prontas para serem usadas, deixando o usuário prejudicado em relação à reflexão e concentração (dividido entre ler, fazer escolhas e tomar decisões de quais links abrirem ou de quando rolar o texto). Estas ações dificultam a absorção das informações.

Há ainda indícios que a leitura na tela chega a ser 25% mais lenta que a tradicional, além disso, a leitura na tela também pode ser esquecida mais rapidamente, já que na internet há diversos conteúdos em uma mesma página para dividir as atenções do leitor. Este fato pode causar uma poluição visual e desconcentrar os leitores, prejudicando assim a cadência da leitura (DEZIEKANIAK, 2010).

A leitura hipertextual digital apresenta informações de forma enciclopédica; a informação é apresentada aos pedaços ou bytes, o leitor não tem como ler página por página ou de frente para trás, ao invés disso, pode escolher o byte que vai ler com base em seu interesse. (HASSETT, 2005). Para Chartier (1996, p.31), “[...] é preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim, um espaço em três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada.”

Sob outra vertente, Silva e Bufrem (2001, p. 10) traz outra visão da hipertextualidade,

[...] o hipertexto, ao inaugurar a leitura não linear aproxima o ler do pensar. O texto não precisa mais ser lido na seqüência em que foi desenvolvido, as ligações cruzadas permitem, por exemplo, verificar o significado de uma palavra apenas clicando sobre ela. O leitor passará a outro texto como se simplesmente trouxesse à memória o significado de tal palavra.

Diante de algumas particularidades do hipertexto, o leitor poderá compor diversas narrativas, “uma vez que volte e avance pelas histórias lidas de modo diferente a cada novo acesso” (FISCHER, 2006, p. 295). Ainda segundo Fischer (2006, p. 295), “[...] uma obra literária em formato eletrônico deixará de ser uma singularidade monolítica, tornando-se um

texto em estado latente, isto é, estrutura e imagens que esperam ser modificadas pelo leitor interativo”.

As hiperligações contidas nos textos podem ser usadas para desenhar conexões entre conceitos que não estão explicitamente ligadas na estrutura hierárquica do documento. Por exemplo, um "elo semântico" (BLUSTEIN, 2000, p. 203). Além disso, o hipertexto pode apresentar uma ligação inter-textual que conduz o leitor para um corpo virtualmente infinito de literatura que, de alguma maneira, está relacionada com o documento original. As propriedades hipertextuais podem levar os leitores a níveis adicionais de compreensão, que vão além do próprio texto. Desta forma, o hipertexto pode melhorar a experiência de leitura, em vários níveis de camadas que não são possíveis na leitura impressa (MCGANN, 1995).

A atual geração de leitores com acesso à tecnologia, cresceu aprendendo a ler em tela. Para Santaella (2004) o perfil do leitor pode ser definido de acordo com sua habilidade de navegação. A autora cita três tipos de leitor: a) o leitor contemplativo, meditativo, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa; b) o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido de misturas sógnicas, que nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema, do advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão; c) o leitor imersivo, da era digital, ou seja, o leitor multimídia, da virtualidade (SANTAELLA, 2004, p.31). Esse último, considerado o leitor da não linearidade.

Em relação a seleção de leitura, Salmeron, Kintsch e Canan (2006) verificaram que o leitor de hipertexto adotam basicamente duas estratégias. A primeira consiste na escolha de textos semânticos, que se relacionam a leituras anteriores, ou seja, envolve conhecimento prévio. A segunda estratégia envolve a escolha pelo texto mais interessante, deixando as seções menos interessantes para depois. Os autores concluíram que ambas as estratégias podem ser eficientes, porém, o leitor com conhecimento prévio sobre a temática do texto pode aproveitar melhor a leitura hipertextual.

Os livros infantis por exemplo, utilizam estratégias de escrita que vão além das letras e palavras, exploram as imagens, levando as crianças a se concentrarem tanto na decodificação da impressão e como também na descoberta de pistas lúdicas para o entendimento do conteúdo; lêem e brincam ao mesmo tempo. A leitura exige que se façam escolhas sobre onde ir e em que prestar atenção. Essas escolhas podem ocorrer dentro de um ambiente de brincadeiras envolvendo atividades com as palavras, ideias e sons. A leitura tornou-se lúdica, o que não significa que a criança não tenha a responsabilidade de descobrir

a melhor estratégia para o envolvimento e o entendimento da leitura.

Os livros infantis, hoje, contêm múltiplas perspectivas, múltiplas vozes, complexidade de personagens e assuntos e não exigem uma interpretação singular. Por serem considerados interativos para a compreensão da leitura, a criança precisa de orientação crítica para ir além da interpretação literal. As histórias não são amarradas sob uma perspectiva unificadora ou tema principal. Personagens e temas são complexos. Sendo assim, as crianças devem ser capazes de tomar decisões e fazerem conexões baseadas em diferentes experiências contextuais de certo e errado (HASSETT, 2005).

Sabendo disso, educadores e bibliotecários devem aproveitar o formato e apresentação dessas obras infantis com intuito de orientar e motivar as crianças a lerem de forma criteriosa sem perder a ludicidade. Precisam também, conhecer algumas estratégias de leitura hipertextual, já que a eles cabe a tarefa de cativar os pequenos leitores.

Há muitas maneiras de ler um hipertexto, o uso de estratégias de leitura podem ajudar na construção de conhecimento. Entre essas estratégias, Hasset (2005) destaca a decodificação e leitura, o desenvolvimento de imagens mentais, a leitura do resumo, a síntese ou repetição, baseando do conhecimento prévio e contextos sociais para a construção do conhecimento e o uso de fórmulas e técnicas de compreensão, como a estratégia K-W-L, por exemplo, que tem por finalidade desenvolver a leitura de textos teóricos, partindo do conhecimento prévio do leitor e implica no desenvolvimento de atividades anteriores, simultâneas e posteriores à leitura, tentando responder as seguintes questões: O que eu sei sobre o assunto?; O que pretendo saber?; O que aprendi com a leitura?.

Embora essas estratégias também possam ser utilizadas na leitura textual, podem ser melhor trabalhadas para ensinar as crianças a se concentrarem, a saber dar cadência aos fatos devido a não-linearidade de alguns textos, sem se perderem entre os nós hipertextuais.

A desorientação do leitor é uma preocupação que surge frequentemente no meio ambiente de hipertexto. As crianças que hoje estão no estágio de alfabetização precisam ser bem conduzidas de forma a sentirem-se a vontade com a leitura, seja em formato impresso, seja digital. Para isso, além do esforço da família, precisam do apoio da escola na figura dos professores e dos bibliotecários. A concentração deve ser estimulada para não se correr o risco da formação de leitores que encaram a leitura superficialmente, sem o adensamento do que se lê, sem o envolvimento necessário para a compreensão do que está escrito.

Nesse sentido, os bibliotecários também devem buscar a interação com o pequeno leitor, orientá-lo quanto as estratégias de leitura. As primeiras experiências de leitura são cristalizadoras e, por isso, devem ser acompanhadas. A escolha da obra e os desdobramentos da leitura devem ter orientação na sala de aula e na biblioteca. A biblioteca também é local de aprendizado.

3 A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO INCENTIVO À LEITURA

A biblioteca escolar é inserida em uma instituição de ensino com a finalidade essencial de atender às necessidades da comunidade escolar. Para cumprir sua missão é necessário ser planejada e envolver toda a comunidade, de forma a oferecer serviços de informação imprescindíveis ao ambiente escolar.

Para Côrte e Bandeira (2011, p. 8), a biblioteca escolar é definida como “[...] um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura.”

Já Corrêa et al. (2002), definem a biblioteca escolar como sendo uma instituição onde estão organizados itens bibliográficos, que devem ser disponibilizados de maneira que satisfaça seus usuários, despertando-os para a pesquisa e leitura, desenvolvendo sua criatividade e sua consciência crítica.

Para Castro Filho e Romão (2011, p. 139), a biblioteca escolar “[...] é um espaço de confluência, imbricação, encontro e diálogo de várias vozes, manifestas em livros, revistas, jornais, quadrinhos, filmes, etc.; é ainda local de aprendizagem, leitura e fomento cultural.”

Sua missão, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO (2000, p. 1), é ser um local “[...] que propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”.

A biblioteca escolar é institucionalizada como um espaço de grande importância para o desenvolvimento da leitura, como instrumento de acesso à cultura e de diferentes tipologias de fontes de informação. É ainda um espaço que pode ser compartilhado pelo professor e bibliotecário, que podem desenvolver ações que tenham objetivos comuns, tais como: cativar

e incentivar a leitura em detrimento ao documento em que a informação foi registrada, seja impresso ou digital.

De acordo com Silva (1999, p. 160), “[...] é impossível uma revolução qualitativa na área da leitura sem a participação e sem o compromisso dos bibliotecários para com os processos de mudança e transformação social”. Ambos profissionais, professor e bibliotecário, podem contribuir para o avanço educacional, conforme declarações da IFLA/UNESCO (2000, p. 2):

está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem; de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.

A biblioteca escolar é então um laboratório de pesquisa escolar, que permite que se formem leitores; é um centro do fazer educativo, um espaço democrático, um local de comunicação e de utilização de várias fontes de informação seja no suporte impresso ou digital, é um local de busca de questionamentos e para resolução de problemas, que precisa ser ativa, um local de entretenimento e que tem como missão o desenvolvimento e à formação dos cidadãos.

Segundo Albernaz (2008, p. 39),

reconhecer-se como lugar de leitura é fundamental para a biblioteca escolar. Ela deve assumir a desordem que daí possa advir, como também a responsabilidade de pensar seu acervo, criticamente, não só em termos quantitativos, mas, qualitativos. Organizar uma biblioteca é um modo silencioso de exercer a arte crítica. Assim, cada biblioteca desenvolve uma feição, uma tendência. E isso também é válido para a biblioteca escolar, de cujo responsável se espera algo mais do que a simples organização dos livros.

Com relação ao incentivo à leitura no início do processo de formação do leitor, partilha-se da ideia de Versiani, Yunes e Carvalho (2012, p. 43) que afirmam que “[...] deve estar associado ao prazer, ao exercício reflexivo, com as possibilidades do leitor encontrar as suas descobertas e que ler seja parte de sua vida e que possa seguir assim: lendo e vendo.” Nesse aspecto, os autores sugerem que o formador de leitores se “[...] preocupe em oferecer aos seus leitores, variedades de textos, verbais e não verbais, e em trabalhar com diferentes mídias: a impressa, as digitais e as eletrônicas.”

A promoção da leitura hipertextual no contexto escolar deve envolver o professor e o

bibliotecário que juntos poderão traçar estratégias que realmente sejam inspiradoras. Não há como descartar a atividade lúdica nesse processo de estímulo e aprendizagem da leitura.

O bibliotecário é importante na medida em que atua como membro de um trabalho integrado entre alunos, educadores e biblioteca. Esse trabalho deve ser dinâmico e ensinar os usuários a ler para “[...] aprender a aprender, aprender para saber e para ter conhecimento da sociedade que os cerca.” (FRAGOSO, 2011, p. 15).

A biblioteca escolar deve assumir definitivamente sua responsabilidade de incentivo à leitura, saber selecionar o livro certo para cada faixa etária, explorar sua proximidade com os livros impressos e digitais para oferecer uma leitura dirigida e estimulante. Conhecer o perfil e as afinidades dos pequenos leitores é importante para a gestão competente de acervos de bibliotecas escolares.

Como já referido anteriormente, crianças que são estimuladas e gostam de ler, certamente se tornarão críticas e, dificilmente, aceitarão como verdadeiras todas as informações que circulam pela Internet, saberão escolher suas fontes de pesquisa, utilizarão a hipertextualidade como forma de novas descobertas, de complementação do conteúdo pesquisado, enfim, saberão aproveitar a eminência da web como local paralelo de aprendizado e obtenção de vantagens competitivas, elementos de importância singular para o desenvolvimento do indivíduo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como ignorar os processos de mudanças na relação leitor/texto. O texto impresso possui uma estrutura que leva o leitor seguir uma ordem de leitura que o permite interpretar a ideia exposta pelo autor. É possível identificar o começo o desenvolvimento e o desfecho do texto. A experiência de leitura hipertextual difere-se principalmente em relação a não linearidade das ideias. Durante a leitura do texto original é possível avançar para outro conteúdo fora do texto, conteúdo escrito até por outro autor, ou seja, o leitor pode sair do texto original por diversas vezes.

Essa experiência exige atenção maior do leitor que pode se confundir na compreensão do texto. Por outro lado, para o leitor mais experiente, a leitura hipertextual pode ser muito mais rica, a cada nó o leitor consegue extrair um novo conhecimento e no final, seu repertório de conteúdo será bem maior.

Onde se encaixa o bibliotecário nesse processo? Há inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas no ambiente da biblioteca escolar com o objetivo de estimular a leitura de obras impressas e digitais, hipertextuais ou não.

O bibliotecário precisa se interar sobre as discussões em curso em relação ao comportamento dos leitores de textos digitais. Embora a organização da informação seja uma atividade inerente do bibliotecário, é preciso ir além, envolver-se com o processo de formação de leitores. É exigência *sine qua non* que na atualidade haja uma conexão educador/bibliotecário, correndo o risco iminente dos leitores se satisfazerem com a leitura superficial, sem envolvimento, sem aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Beatriz. Sete desafios da biblioteca escolar. In: **Programa Nacional de Incentivo à Leitura**. Cursos da Casa da leitura 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 35-48.

BLUSTEIN, J. Automatically generated hypertext versions of scholarly articles and their evaluation. Proceedings of the Eleventh ACM Conference on Hypertext and Hypermedia, 201-210, 2000. Disponível em: < <http://doi.acm.org/10.1145/336296.336364>>.

CASTRO FILHO, C. M. de; ROMÃO, L. M. S. Livros-ninhos e leitores-passarinhos: outros sentidos de documento. In: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas: Alínea, 2011.

CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CORRÊA, E C D. et al. Bibliotecário escolar: um educador?. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002.

CORTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2011.

DZIEKANIAK, G. V. Considerações sobre o E-book: do hipertexto á preservação digital. **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 83-89, jul./dez. 2010.

ECO, H. Entrevista de Umberto Eco a Veja. **Veja**, 30 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>. Acesso em: 19 jun. 2013.

FACHINETTO, E. A. O hipertexto e as práticas de leitura. **Revista Eletrônica de**

Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, v.2, n.3, 2. sem. 2005.

FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

FRAGOSO, G. M. A Lei e seus desdobramentos. Biblioteca Escolar que espaço é esse? **Salto para o Futuro**, n. 21, Boletim 14, out. 2011.

HASSETT, D. D. Reading hypertextually: Children's literature and comprehension instruction. **New Horizons**, v. 11, n. 2. 2005. Disponível em: <<http://www.newhorizons.org/strategies/literacy/hassett.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

INTERNATIONAL FEDERATION LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo: IFLA, 2000.

LACERDA, N. **Casa da Leitura**: presença de uma ação. Brasília: PROLER, 2008.

MCGANN, J. **The rationale of hypertext**. 1995. Disponível em: <from<http://www.village.virginia.edu/public/jjm2f/rationale.html>>. Recuperado em dez. 2013.

SALMERÓN, L.; KINTSCH, W.; CAÑAN, J. J. Reading strategies and prior knowledge in learning from hypertext. **Memory & Cognition**, v. 34, n. 5, p.1157, jul. 2006.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, E. T. da. O bibliotecário e a formação do leitor. In: BARZOTTO, V. H. **Estado de Leitura**. Campinas; Mercado de Letras, 1999. p. 159-167.

SILVA, G. M. S.; BUFREM, L. S. **Livro eletrônico**: a evolução de uma idéia. 2001. Disponível em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/55321773551574324778259631374216410815.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2012

SOARES, M. **A diferença que faz**: a arte de ler no papel e ler na tela. Instituto Gutenberg. Centro de Estudos da Imprensa. 2002. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/atualmarcelo.html>>. Acesso em: abr. 2012.

SOUZA, M. F. P. de. **Narrativa hipertextual multimídia**: um modelo de análise. Santa Maria: FACOS, 2010.

VERSIANI, D. B.; YUNES, E.; CARVALHO, G. **Manual de relexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: UNESP, 2012.